



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8613162>


Artigo Original

Musculação como espaço generificado e sexualizado? notas etnográficas

*Is body building sector gendered and sexualized?
ethnographic notes*

*¿Musculación como espacio generificado y sexualizado?
notas etnográficas*

Alan Camargo Silva¹ 

Jaqueline Ferreira² 

RESUMO

Objetivo: Com base na micros sociologia de Erving Goffman e na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, o presente estudo objetivou analisar até que ponto o setor da musculação pode ser considerado um espaço generificado e sexualizado. **Metodologia:** Durante um ano, entre 2012-2013, realizou-se uma etnografia interacionista comparativa entre duas academias inseridas em dois bairros distintos da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. **Resultados e discussão:** Os resultados indicaram como os espaços no interior dos estabelecimentos e as interações sociais entre os(as) frequentadores(as) se estabeleciam de modo eminentemente binário e sexista. Foi possível também apreender como as intersecções entre gênero e camada social revelam as formas como as academias se constituem como locais de práticas corporais (in)viáveis para determinados sujeitos. **Considerações finais:** Conclui-se que tais achados podem ser importantes para gestores(as), professores(as) de Educação Física e alunos(as) compreenderem alguns aspectos socioculturais que atravessam as interações entre as pessoas que circulam nesses estabelecimentos cotidianamente.

Palavras-chave: Academias de ginástica. Construção social do gênero. Antropologia. Sociologia. Educação física e treinamento.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

Correspondência:

Alan Camargo Silva. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Praça Jorge Machado Moreira, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro - RJ, CEP 21944-570. Email: alancamargo10@gmail.com



ABSTRACT

Objective: Based on Erving Goffman's microsociology and Pierre Bourdieu's sociological theory, this study aimed to analyze if the bodybuilding sector can be considered a gendered and sexualized space. **Methodology:** During one year, between 2012-2013, comparative interactionist ethnography was carried out between two gyms located in two different neighborhoods in the west zone of the city of Rio de Janeiro. **Results and discussion:** The results indicated how the spaces inside the gyms and the social interactions between the practitioners were established in an eminently binary and sexist way. It was also possible to detect how the intersections between gender and social class reveal the ways in which gyms are constituted as places of (un)feasible body practices for certain subjects. **Final considerations:** It is concluded that such findings may be important for managers, Physical Education teachers and practitioners to understand some sociocultural aspects about the interactions between people who circulate in the gyms on a daily basis.

Keywords: Fitness centers. Social construction of gender. Anthropology. Sociology. Physical education and training.

RESUMEN

Objetivo: Con base en la microsociología de Erving Goffman y en la teoría sociológica de Pierre Bourdieu, el presente estudio tuvo como objetivo analizar hasta qué punto el sector de la musculación puede ser considerado un espacio generificado y sexualizado. **Metodología:** Durante un año, entre 2012-2013, se realizó una etnografía interaccionista comparativa entre dos academias insertadas en dos barrios distintos de la zona oeste de la ciudad de Río de Janeiro. **Resultados y Discusión:** Los resultados indicaron cómo los espacios en el interior de los establecimientos y las interacciones sociales entre los(as) frequentadores(as) se establecían de modo eminentemente binario y sexista. Fue posible también aprender cómo las intersecciones entre género y capa social revelan las formas como las academias se constituyen en como locales de prácticas corporales (in)viabiles para determinados sujetos. **Consideraciones finales:** Se concluye que tales resultados pueden ser importantes para que gestores(as), profesores(as) de Educación Física y practicantes comprendan algunos aspectos socioculturales que atraviesan las interacciones entre las personas que circulan en esos establecimientos cotidianamente.

Palabras Clave: Centros de acondicionamiento. Construcción social del género. Antropología. Sociología. Educación y entrenamiento físico.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No Brasil, os profissionais de Educação Física vêm se adaptando para atender a uma demanda de prestação de serviços no âmbito *fitness* (Kercher *et al.* 2022). Dessa forma, muitos estudos sobre academias de ginástica e musculação têm assumido diferentes abordagens sobre o corpo (Silva; Ferreira, 2020a). Por exemplo, nos últimos anos, pesquisas sobre mulheres e feminilidades em academias podem ser vistas em Votre, Vigne e Lacerda (2008); Frazão, Coelho Filho (2015); Frazão, Franco, Coelho Filho (2018). Estudos referentes aos homens e masculinidades em academias são retratados em Silva e Ferreira (2016, 2019, 2020b); Santos, Prado e Francisco (2021); Garcia (2022). Entretanto, compreensões sociantropológicas sobre a musculação como “território situacional” (Malysse, 2007), na configuração espacial ou físico-estrutural da musculação (Pereira, 2022) merecem maior destaque no âmbito acadêmico de diferentes áreas de saber.

Há uma significativa produção de conhecimento sobre gênero/sexualidade na área de Educação Física (escolar) e no campo esportivo (Devide *et al.*, 2011; Goellner, 2013; Garcia; Pereira, 2019). Contudo, investigações com temáticas sob essas perspectivas teórico-metodológicas no *lócus* das academias de ginástica e musculação, ou ainda, no que é denominado de “cultura *fitness*” (Maguire, 2007), parecem ser incipientes na literatura.

Destarte, este trabalho pretende apresentar questões relativas a esse tema a partir de um estudo etnográfico em estabelecimentos com distintas realidades socioeconômicas e culturais, já que as pesquisas de gênero/sexualidade sobre esses espaços ainda estão em desenvolvimento (Capelari; Lessa; Furlan, 2011).

Nessa direção, esse estudo se fundamenta no interacionismo simbólico de Erving Goffman que busca analisar os comportamentos dos atores sociais quando estão uns com os outros (Goffman, 2002, 2008, 2011). Desse modo, no sentido de ampliar ou articular, de forma dinâmica, a agência dos sujeitos com a estrutura social, inspira-se aqui em Pierre Bourdieu (2020, 2021). Em especial, o presente estudo assume as “lentes teóricas” dos trabalhos sobre “classe sexual” de Goffman (1977) e “dominação masculina” de Bourdieu (2012) que denunciam os binarismos de gênero.

Assim, essa pesquisa insere-se na perspectiva da sociologia fenomenológica que trata de compreender dada realidade a partir de como os atores em interações sociais apreendem e interpretam o “mundo” e as “coisas” (Schwandt, 2006). A interlocução ou a aproximação entre o sociólogo Erving Goffman e Pierre Bourdieu se estabelece no sentido de que ambos condenam o modelo objetivista e valorizam os aspectos simbólicos da ação social (Lopes, 2009). Além disso, o debate sociológico sobre “corpo socializado” de Bourdieu

(2020) explica, em grande parte, a microrrealidade do contato face a face de Goffman (2011, p. 159):

Um corpo é uma unidade de equipamento consequencial, e seu dono o está sempre colocando na linha de frente. É claro que ele pode utilizar outros bens capitais em muitos de seus momentos, mas seu corpo é o único que ele nunca pode deixar para trás.

Investigar a musculação como espaço generificado significa entender como tal local de práticas corporais dialoga com a vida em sociedade (Silva, 2022). Ademais, questionar como determinados sujeitos marcados por determinados gêneros, sexualidades e inserções sociais (con)vivem nesses estabelecimentos também expressa as possíveis (re)produções e (não-)violências que ocorrem sobre o corpo “em movimento”. Por fim, trazer à tona as múltiplas interações sociais desses espaços ilumina, ainda que parcialmente, como gestores(as) e profissionais de academias podem agir diante de situações de preconceito, discriminação e estigma passíveis de acontecer nesses espaços.

Logo, o presente estudo de caráter socioantropológico teve como objetivo analisar até que ponto o setor da musculação pode ser considerado um espaço generificado e sexualizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para composição do universo empírico das academias, foram utilizados os seguintes critérios de seleção: a) distintos portes no que diz respeito à dimensão empresarial; b) diferentes perfis socioeconômicos; c) existência do setor da musculação. O item “a” pautou-se na classificação de micro até mega empresa de Bertevello (2006). O item “b” fundamentou-se na noção de *habitus* de Bourdieu (2021) que ilustra o conjunto de disposições corporais marcado por determinada camada social. O item “c” justificou-se basicamente pela especificidade do *lócus* de análise comparativa. Assim, após autorizações oficiais e oficiosas das coordenações e profissionais de duas academias cariocas, foram selecionados os estabelecimentos que denominados aqui de “P” e “G”.

Quadro 1 – Características das academias P e G

CARACTERÍSTICAS	ACADEMIA P	ACADEMIA G
Localização (bairro)	Cidade de Deus	Barra da Tijuca
Região	Zona oeste	Zona oeste
Proximidades	Situada em uma das principais ruas que dava acesso a uma das favelas do bairro	Situada no interior de <i>shoppingcenter</i> de luxo e perto de prédios comerciais e residenciais
Infraestrutura	Vertical (musculação no segundo e último andar)	Horizontal (musculação logo após a recepção)
Tempo aproximado de funcionamento	14 anos	10 anos
Total aproximado de matrículas	200	3000
Perfil dos(as) frequentadores(as)	Grande parte era homem heterossexual “negro” ou “pardo” e morava na favela. Ganhavam entre 1 a 3 salários mínimos. A maioria tinha o Ensino Fundamental ou Médio (in)completo. A prevalência etária era entre 15 a 30 anos.	Havia um maior equilíbrio entre homens e mulheres. A maioria assumia a cor “branca” e heterossexual. Tinham renda aproximada de mais de 5 salários mínimos ou eram empresários(as). Grande parte tinha Ensino Superior. A faixa etária também concentrava entre 15 a 30 anos.
Total aproximado de professores(as) de Educação Física	4-5 profissionais (sem vínculo empregatício)	70 profissionais (celetistas)
Funcionários	1 faxineiro e 1 recepcionista	Variável (empresa terceirizada)
Mensalidade	R\$ 55,00 (diária: R\$ 7,00)	R\$ 500,00 (diária: R\$ 100,00)

A etnografia teve duração de um ano entre os anos de 2012 e 2013. Durante 12 meses, o primeiro autor realizou o trabalho de campo na academia P e, nesse mesmo período, 10 meses, na academia G. Foi privilegiada a observação no setor da musculação durante aproximadamente quatro a cinco horas, por duas a três vezes na semana em cada estabelecimento, nos turnos da tarde/noite.

Optou-se pelo pesquisador não se exercitar nos estabelecimentos, o que permitiu transitar por diferentes grupos no interior das academias, aspecto esse problematizado com profundidade em Silva (2021). Durante a estadia na musculação, foram utilizados dois celulares como diário de campo a fim de captar quase que imediatamente as situações e interações sociais: um aparelho de julho a novembro de 2012 e o outro, de dezembro de 2012 a julho de 2013. Em casa, no dia seguinte ou logo após o trabalho de campo, houve a ampliação das anotações brutas e interpretativas, *modus operandi* esse delineado também por Whyte (2005).

Esse empreendimento etnográfico foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (ocultado pela revista). A pesquisa possibilitou aos sujeitos o anonimato por meio de pseudônimos e o sigilo das informações registradas durante a construção dos dados. O material empírico foi devidamente armazenado de forma confidencial para fins exclusivamente de pesquisa, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa oportunidade, serão apresentados os seguintes eixos analíticos derivados da experiência etnográfica: a) "Interações territoriais: entre marcos e fronteiras" problematiza como os espaços (não) eram demarcados entre gêneros; b) "Interações afetivo-amorosas: entre sedução e atrações" registra os modos como se relacionava entre si na dimensão do desejo.

INTERAÇÕES TERRITORIAIS: ENTRE MARCOS E FRONTEIRAS

O primeiro aspecto aqui observado refere-se à singularidade dos estabelecimentos quanto aos espaços (não) demarcados por gênero. Consegui identificar que os locais destinados para eles e elas eram mais divididos na academia P do que na academia G.

Na academia P, na maioria das vezes, os homens não se dirigiam às mulheres, aspecto esse que os afastavam visível e territorialmente no interior do estabelecimento. Toda e qualquer forma de aproximação entre homens e mulheres gerava "comentários" na sala de musculação, pois colocava em xeque que tipo de relações ambos tinham ali ou fora do estabelecimento.

Igualmente nessa academia, não havia somente uma separação binária de gênero, como também uma relativa dominância do "masculino" sobre o "feminino" em diversos aspectos da sala de musculação. Os homens costumavam guardar ou deixar seus pertences em cima dos materiais que elas mais utilizavam ali: as caneleiras. Geralmente, a limpeza era realizada nos aparelhos que eles mais utilizavam e as caneleiras "delas" ficavam amontoadas e empoeiradas. As mulheres evitavam o espaço dos pesos livres onde eles costumavam frequentar; quando elas realizavam algum exercício ali, a permanência era curta. Nas raras oportunidades que as via no "lado deles de membros superiores", estavam em grupos de três a cinco mulheres.

Eventualmente, elas demonstravam certo incômodo ou naturalizavam essa generificação da musculação:

Edjane: Ali no lugar de pesos livres dos homens tinha que ser o espaço das mulheres, pô! Lá tem espelho!

Nina: Oi? Lá é parte de mulher e aqui é de homem?

Cícero: Não! Veja bem: aqui do lado da parte que você chamou de homem tem aparelhos de perna também! Viu que mulher também fica aqui às vezes?

Detectava que o espaço era configurado a partir de uma ótica androcêntrica na dimensão não somente de como se exercitar, como também onde e quando transitar pelo espaço. Os aspectos binários e generificados denunciados por Bourdieu (2012) podiam ser vistos ali na medida em que os locais e os materiais representados nos aparelhos e equipamentos da musculação eram para um ou para o outro. Pereira (2022) também já observou em uma academia do subúrbio carioca que, por vezes, há uma setorização de gênero na sala de musculação, como na distribuição de aparelhos e equipamentos, bem como na interação entre as pessoas.

Da sala de musculação principal situada no segundo andar do prédio, era possível observar parte das aulas de lumbaeróbica. Eu costumava anotar as minhas observações do trabalho de campo naquele local, já que era um espaço que os homens usavam para usar o celular. No entanto, pude observar como essa era também uma estratégia para observar as mulheres em aula. Experienciava como a estrutura geográfica permitia dadas interações sociais entre eles (as). Eu aproveitava para “puxar conversa” com quem estivesse ali.

A coordenação criou uma faixa de lona escrito “stúdio feminino” em um espaço reservado apenas para elas. Optei aqui pelo termo usado na academia e não as palavras “Estúdio” ou “Studio” (em inglês). Segundo a responsável pelo estabelecimento: “era um dos diferenciais do local há cinco anos, pois nenhum homem poderia entrar ali”. Esse setor ficava no andar inferior a sala de musculação principal. O local era estreito e mal iluminado. Havia duas bicicletas ergométricas, alguns colchões e caneleiras, um aparelho de musculação para os membros superiores e seis para os membros inferiores, demonstrando claramente a prioridade corpora lde exercício do público feminino. Percebia como elas se apropriavam do tal “stúdio” de forma plural:

Ivete: Os aparelhos de perna eram de frente para os de braço! Eu ficava “aberta” para os homens. Eu não fazia aqueles exercícios, até que surgiu o stúdio. Graças a Deus!

Vivian: Há um ano o stúdio era mais proibido. Hoje em dia vejo homem entrando lá quando tá vazio. Lá em cima sofro assédio e puxam conversas. Eu odeio! Se eu pudesse, ficaria apenas no stúdio... é mais reservado, mas lá em cima tem coisas que eu gosto.

O “stúdio” era utilizado por algumas mulheres pelo fato da sala de musculação principal não ter determinados equipamentos. Elas também usavam esse espaço privativo porque, por vezes, a academia estava lotada. Além disso, algumas mães preferiam esse espaço, pois conseguiam “malhar” assistindo

aos(as) filhos(as) realizando as aulas de lutas onde elas ficavam de frente para essa sala, frequentada pelos homens. Ali também dava para ver as aulas de ginástica, que ocorriam no térreo onde a piscina também se localizava.

Por outro lado, o constrangimento das mulheres era frequentemente perceptível. Goffman (2011, p. 102) cita que “o constrangimento tem a ver com expectativas não realizadas”. Alguns professores me contaram que as “iniciantes” e as “tímidas” se sentiam bem no “stúdio”, principalmente as “casadas” ou “certinhas”. Adolescentes, senhoras e pessoas com sobrepeso também pareciam privilegiar aquele espaço. Ademais, tive relatos de pessoas trans e mulheres cis que usavam o “stúdio” quando certos homens não estavam presentes no local, pois alguns “papos” e “olhares” as incomodavam. Notava mães acompanhando as filhas e os maridos, as esposas, ao longo da estadia na musculação, como se fossem “seguranças”, por isso o “stúdio” era uma “boa alternativa” para elas. Praticamente todas as mulheres usavam artifícios para tampar as regiões íntimas com toalhas, blusas, acessórios da própria musculação etc. Alguns alunos também me relataram que as mulheres acabavam mudando de horário por causa da “abordagem” deles. Após todas essas impressões de campo, começava a entender o porquê das mulheres não responderem o meu “boa tarde” ou “boa noite”, principalmente quando estavam acompanhadas dos seus “parceiros”.

Assim, era notório o que os estudos de Frazão e Coelho (2015), Pinheiro e Caminha (2021, 2022) identificaram no sentido de que a musculação pode ser um local que as vulnerabiliza no sentido de possíveis assédios sexuais. Assim, captava os rituais de evitação de Goffman (2011) por parte das mulheres para não “mancharem” suas “fachadas” como “safadas”. Logo, “malhar” ali na academia P também significava enfrentar esses tipos de violência simbólica de gênero (Bourdieu, 2012).

Os próprios professores de Educação Física da academia P normatizavam ou normalizavam a distinção de exercícios para homens e mulheres:

Prof. Alisson: Os aparelhos lá de baixo (stúdio) são bons e deveriam ficar aqui em cima! Elas têm que perder a vergonha aqui em cima. É só escrever no aparelho qual é o de mulher. Coloca num espaço reservado e pronto! Daí, ficariam duas áreas aqui em cima: uma masculina e outra feminina.

Prof. José: Homem quase não usa aeróbio; é só membro superior e mulher é só membro inferior, coxa e bumbum. Mulher tem que fazer braço levinho apenas para o músculo do “adeus”, pra ficar proporcional. E mais: pesinho pra mulher não tem! Tem que ficar montando! Essa academia é pra homem e não pra mulher. Ferro pra homem já basta!

Existia uma reprodução moral da fragmentação de um corpo “masculino” ou “feminino”, estabelecido de forma espacial no interior da academia P. Em

inúmeras ocasiões, escutava dos(as) alunos(as) que se alguém tivesse entrando na “parte do outro” era porque estava “afim de algo mais”.

Observava que os professores homens de Educação Física costumavam abordar mais alunas do que os alunos na sala principal da musculação, como se elas fossem mais “desorientadas”, “frágeis” ou “dependentes” de orientações. O tal “stúdio” não era “visitado” pelos profissionais. Já quando se dirigiam aos alunos homens, os professores costumavam bater papo sem qualquer teor técnico da musculação.

Nessa academia, havia traços de uma sociedade patriarcal discutida por Bourdieu (2012) e, mais precisamente, a própria construção histórica da Educação Física biologizante que “apaga” as questões de gênero na área (Jaco; Altmann, 2017). Nesse sentido, compreende-se aqui a importância de uma formação em Educação Física (não somente escolar) que considere cada vez mais as questões de gênero em suas práticas/ intervenções/ atuações profissionais (Brauner, 2018; Leite *et al.*, 2022; Jaeger; Oliveira, 2022).

Já na academia G, havia frequentemente os contatos mistos entre eles e elas na musculação. As mulheres exercitavam-se entre grupos de homens, inclusive apoiando um ao outro mutuamente durante a execução dos movimentos. Algumas mulheres realizando exercícios de quatro apoios no centro do setor de pesos livres, que comumente era atrelado ao “masculino”. Outras alunas realizavam exercícios para panturrilha, glúteo e saltos em cima de um dos aparelhos mais utilizados pelos homens: o supino. Elas “malhavam” ali sem qualquer “punição” da parte deles, mesmo que tivesse um espaço específico destinado para essas práticas de solo com colchonetes. Após a execução de um exercício, elas costumavam circular por toda sala de musculação como uma forma de recuperação e depois retornavam ao local para reiniciar o exercício. Muitas delas eram vistas como “marombeiras”, logo mais prestigiadas por eles na musculação, conforme também indicado por Silva e Ferreira (2018).

No entanto, grande parte da presença feminina da academia G se estabelecia efetivamente no setor aeróbio. Eventualmente, contava quantos homens e mulheres estavam se exercitando nesse setor “cardiorrespiratório” e, na maioria das vezes, identificava a predominância delas nos elípticos (*transport*), esteiras e *bikes*.

Existia ali a divisão mulheres/membros inferiores e homens/membros superiores, da mesma forma que os próprios setores da academia eram relativamente divididos entre gêneros. A musculação vinculada à ideia de “força” não cabia teoricamente para elas. Já objetivar um “corpo mais *slim*” via emagrecimento no “espaço aeróbio” serviria mais para as mulheres. Essas lógicas de gênero que inscreviam nos corpos de homens e mulheres ali na academia G podem ser vistas, de forma similar, no trabalho de Markulla (2004)

quando detecta como elas sofrem um processo de esquadramento disciplinar no meio *fitness*.

Todas essas passagens aqui descritas sobre a academia G demonstram como elas dialogavam com eles no sentido de demarcar os territórios, diferente da academia P no qual as mulheres costumavam se isolar espacialmente ou, se reapropriando de um termo de Goffman (2011), evitar os contatos mistos. Em um sentido comparativo sem essencializar as identidades de gênero, as condições sociais poderiam interferir significativamente no “ser homem” ou “ser mulher” no interior da musculação, fruto do processo histórico da construção social dos “órgãos genitais” (BOURDIEU, 2012).

INTERAÇÕES AFETIVO-AMOROSAS: ENTRE SEDUÇÕES E ATRAÇÕES

Havia também as possíveis “paqueras” que se estabeleciam com professores (as) de Educação Física ou com os(as) próprios(as) alunos(as). No entanto, as formas de se relacionar na academia P e G eram sutilmente distintas. Como bem refere Goffman (2011, p. 200), a “paquera” pode ser de dois tipos: “entre os que se conhecem, encontramos trocas de flertes e o início de casos; entre os que não se conhecem, intercâmbios se sinais de interesse e propostas”. No ponto de vista do autor, há também uma ligeira diferença entre camadas sociais: “não apenas as fichas através das quais a consideração pela privacidade dos outros é expressa são diferentes, mas também, aparentemente, quanto mais alta a classe mais extensos e elaborados serão os tabus contra o contato” (GOFFMAN, 2011, p. 65). Assim, enquanto na academia P, tais “encontros amorosos” ficavam no domínio “público”, na academia G, fazia-se questão de ocultar os “flertes”.

Na academia P, não era raro ver alusões explícitas sobre as intimidades. Em inúmeras ocasiões, elas não se intimidavam de falar sobre sexo, experiências com parceiros, pornografia e “brincadeiras” na minha presença:

Liliane: O meu “soca” bem! Ele me dá tudo que quero. Nem preciso trair! Agora o Montanha ali, coitado! Sem perna, ridículo e quando sobe a escada, coloca os braços pra trás pra mostrar o peito. Só tem braço!

Leandra: Eu sonho com a aula de rebolar daquele professor todos os dias! Eu sonho em rebolar nele!

Igualmente, participava de conversas similares quando estava entre os homens na academia P:

Sheik: A gente que é feio tem que ter um corpinho, senão não pega ninguém! Antes de sair na sexta-feira, faço 300 flexões na cama debaixo do ventilador pra “bombar”!

Tigrão: Elas dançam muito na academia pra ficarem taradas no baile! Treinam aqui de olho no crime!
 Sheik: Na academia, todas são santinhas, No baile, vão até o chão!

As músicas de *funk* ou lambaeróbica com letras sobre “mamar”, “chupar” e “sentar” embalavam os exercícios. Os corpos seminus com dizeres ambíguos nas peças de roupas como em uma das blusas: “Faça sexo com segurança”, se remetendo ao trabalho de guarda ou vigia, chamavam a atenção. Eventualmente, deparava-me com um cartão de *sexy shop* no chão da academia, como se alguém jogasse ali de tempos em tempos.

Diferentes tipos de relacionamentos ou flertes se concretizavam na (ou a partir da) academia P. Alunos e alunas confessavam-me com quem já tinham “saído” ou namorado daquele local. Algumas pessoas me diziam que os alunos homens ficavam assediando as poucas professoras do estabelecimento. Cito um caso de uma estagiária que desistiu do “emprego” porque se sentia assediada. No ponto de vista dos alunos, os professores que “saíam na vantagem”, pois eram “sortudos” cheio de mulheres em volta. Os alunos sempre me contavam uma história de “piranhagem” que um professor “pegou” uma aluna ou diziam que ficavam “putos” com os profissionais por causa disso. As interações entre os homens baseavam-se primordialmente no que Goffman (2011, p. 244) traz quando afirma que eles devem estar preparados para provar os atributos de certas masculinidades.

Os homens reiteravam o quão “machos” eram em diversos aspectos da vida social dentro e fora da academia P. Verbalizavam que as “coroas cheias de grana davam mole” ou que na rua “foram cantados”. Comentavam que, por vezes, “faziam caridade” para as “feias”. Perguntavam-me quem era a aluna X ou Y recém-chegada no estabelecimento. Contavam-me quem “comeu” as meninas de 12 anos de idade da favela. Argumentavam que as mulheres que estavam com eles ficavam “melhores de corpo”. Diziam que andavam com as blusas coladas no corpo porque dessa forma elas “perdiam” mais pra eles. Simulavam gemidos a cada repetição das frequentadoras em dado exercício fazendo alusão ao sexo. Cheguei a presenciar a pergunta de um aluno para uma aluna se ela tinha uma “fantasia sexual” de ver homens “malhando”, o que a deixou visivelmente constrangida. Tiravam a blusa, piscavam, acenavam ou mandavam “beijos” para mulheres casadas, ou ainda, se insinuavam dançando propositalmente na frente delas. Ao lado das alunas, costumavam comentar em voz alta os seus “feitos sexuais” descredibilizando os “colegas” com expressões jocosas. Eles também não perdiam a oportunidade de declarar que estavam na “putaria”. Por vezes, repetiam as histórias dos “caras” que tiveram atividades sexuais no interior da academia P.

Logo o aprendizado sexual de “machos” modulado socialmente lembrado por Parker (2000) podia ser observado rotineiramente na academia P. Se a

sexualidade tem mais relação com a sociedade do que com o indivíduo (Bourdieu, 2012), sentia que eu estava constantemente entre homens que seguiam à risca os padrões de heteronormatividade, base da expressão de uma masculinidade hegemônica (Connel, 1995; Connel; Messerschmidt, 2013).

Pelo fato de se demonstrarem “sempre viris”, por vezes, surgiam relatos surpreendentes. Alguns me diziam que ficavam “putos” quando gostavam de uma mulher. Alegavam que não queriam ter sentimento. Gostariam de ser “livres” emocionalmente para manterem a “zoeira” e “galinhagem”. Em alguns momentos, parecia que eu era o “ouvido” deles, pois desabafavam o que estavam passando com as “parceiras”. Um dia um dos alunos mais “másculos” daquele local me mostrou a mensagem da “companheira” com lágrimas nos olhos: “Eu não espera isso de você, não me procure mais!”. Outro aluno desabafou que a esposa estava desconfiando dele, embora estivesse apenas trabalhando de madrugada sem qualquer tipo de traição. No final das contas, à luz de Goffman (2002), eles “tinham medo delas”, encenação essa incompatível com a aparência limitada cotidianamente na academia P. Afinal, a virilidade e a honra masculina geralmente permitem a ideia de um “homem autêntico” (Bourdieu, 2012).

Eu aprendi mais sobre as paqueras nesse estabelecimento quando passei por situações de flertes ao longo do meu trabalho de campo, o que, aparentemente, se tornou “o acontecimento” daquele espaço por algumas semanas. Uma das alunas verbalizou “em *off*” que estava “encantada” comigo por eu ser muito “observador”, o que me gerou, paradoxalmente, um enorme “desafio metodológico”, mas também “dados riquíssimos” quanto às paqueras.

Prof. Cobra: Eu te acho viado porque não pega logo a garota! Tem aquele traveco ali pra você!

Montanha: Você é modelo! Aí, galera, esse cara aqui é o modelo da academia! Pode pedir autógrafa pra ele! O cara é “pinta”, pega as “mulé”!

Os alunos insistiam que eu estava “passando o cerol” em todas as meninas; “pegando geral” por ser um dos poucos homens que conversam com mulheres naquele espaço, em especial, com a aluna supramencionada. Depois de um tempo, reparava que aquele que se diferenciava de grande parte das pessoas que ali frequentava acabava tendo um sinal de “distinção”, isto é, um dispositivo relacional que demarcava simbolicamente os sujeitos naquele espaço social (BOURDIEU, 1989). Foi possível confirmar isso quando chegava algum “homem novo” na academia P, pois ocorriam situações semelhantes àquelas que eu havia experienciado por ter um distintivo de *habitus* como homem branco, com formação universitária e de classe social mais elevada que os alunos. Com base em Goffman (2002), sentia-me ali como um ator social que carregava publicamente dada moralidade do que era “ser diferente”.

Já na academia G, os espelhos da musculação serviam para paqueras, olhares e comentários mais sutis quanto aos possíveis flertes. Nessa direção, é importante estranhar, desnaturalizar, questionar ou não universalizar e essencializar o que Santos e Salles (2009, p. 92) detectaram quando generalizam que a academia é um lugar de socialização em que as pessoas mais conversam do que exercitam.

O meu próprio lugar “misterioso” ou “diferente” de pesquisador sem me exercitar naquele local me permitiu captar “investidas” de homens *gays*, aspecto esse que também me fazia pensar quais aspectos que me aproximavam desse grupo. Igualmente recebia “olhares” de mulheres que, a princípio, não seriam destinados a outros homens dali. Alguns depoimentos de professores de Educação Física me ajudaram a entender aquele contexto afetivo-amoroso:

Prof. Reginaldo: A mulher daquele programa de TV é bancada. É mulher de programa. Já ofereceram carro e apê pra aquela famosa ali. Ela recusou e foi expulsa do programa. A atriz “X” e “Y” eram de programa na Barra. Aquele cantor “come” outras por fora. Ele tem um *menu* de mulheres *vips*. Entenda que isso aqui é um desfile! Aqui é uma vitrine de olhares! 80% das mulheres aqui são prostitutas que cobram entre R\$ 500,00 a R\$ 2000,00.

Prof. Gilmar: Elas ficam olhando sem você perceber! Tem um aluno aqui que comeu aquela famosa ali por R\$ 800,00/hora.

Surpreendia-me o tempo de permanência de algumas mulheres em aparelhos voltados aos glúteos, principalmente quando as identificava realizando seis a oito séries de exercícios em um espaço que geralmente eram prescritas duas, três ou quatro. Em locais de passagem, algumas ocupavam o espaço como se quisessem interromper o fluxo de pessoas ali como uma forma de “chamar a atenção”. Cheguei a observar uma aluna com uma blusa preta com o seguinte dizer em branco: “Sem autógrafos, por favor!”. Os professores diziam que elas ficavam de “sacanagem” atrapalhando a circulação das pessoas. Em alguns momentos, os homens paravam de “treinar” e ficavam encarando as mulheres que entravam na sala de musculação com macacões *fitness* quase transparentes. Após o término da série de musculação, eles e elas interagiam por horas naquele local. Alguns alunos me disseram que o homem mais valorizado por elas ali era quem “mais conversava” e não quem “treinava muito”.

Havia, portanto, a dramatização de “gestos corporais generificados” à la Goffman (1979) quando havia a copresença entre homens e mulheres em diversas situações sociais desse tipo na musculação da academia G. Em outras palavras, emergiam os (re)arranjos de “generismos” associados às “classes sexuais” delineados por Goffman (1977) entre aqueles(as) que treinavam ali. Vale ressaltar que tais interações entre esses atores sociais estão conectadas por mecanismos históricos da clássica divisão sexual que influenciam corporalmente na forma como os agentes experienciam o mundo social (Bourdieu, 2012).

Entre alunos (as), todas essas aproximações afetivo-amorosas se estabeleciam no domínio privado. Eles geralmente “secavam” (observavam), no termo êmico, por semanas e depois “chegavam” para “trocar ideias”.

Celso: Aí, vou inventar alguma coisa ali para trocar ideia com aquela mulher! Conversar já é vitória! Mas aí: teve uma coroa maluca que ficou me olhando e pediu meu telefone. Quero sair fora dela!

Rayka: Toda hora vem um aqui falar. Há muita paquera aqui, mas nem dou trela, nem quero papo. Meu noivo vai entrar na academia.

As interações desse tipo entre professores (em especial, homens) e alunas também se estabeleciam nos “bastidores”, geralmente com “segundas intenções”.

Prof. Reginaldo: Pegar aluna na academia é foda. Eu até namoro uma e fiquei com medo de perder o emprego. Descobriram depois de quatro meses de relacionamento. Aqui ela nem fala direito comigo. Aqui ela é minha cliente. Vou te falar: difícil não olhar as mulheres daqui!

Prof. Jorginho: Em Realengo, a academia “cheira a sexo”. Elas atacam e quase fodem na academia. Aqui ninguém transparece nada, mas você tem que ver nas festinhas da empresa (academia). Aqui alunos e alunas, professores e professoras e professores e alunos se pegam, mas tudo no “escondido”.

Convivia com inícios e términos de relacionamentos entre os(as) frequentadores(as) e professores(as) de Educação Física. As “paqueras” eram temporariamente ocultadas, pois a dimensão do desejo ficava nos cochichos e nas fofocas empreendidas pelas pessoas que treinavam e trabalhavam nessa academia G. Partindo da ideia de que a expressão da sexualidade constrói-se coletivamente (Parker, 2000), eles(as) evitavam verbalizar o que sentiam ou como se relacionavam, ou ainda, como tais afetações da intimidade deveriam ser socializada entre seus pares.

Por eu ser homem, apreendia majoritariamente as lógicas deles quanto às paqueras. Por isso, pontuo que nem sempre a ideia de dominação masculina estrita delineada por Bourdieu (2012) ocorria na academia G. É preciso compreender também que as manipulações das imagens de homens e mulheres podem ser relativizadas, como Fonseca (2000) encontrou em seu estudo no qual aponta que nem sempre as mulheres eram “vítimas” ou “objetos de mediação” deles. Isso vai ao encontro de Weeks (2000) quando lembra que os atravessamentos entre classe social e sexualidade fornecem uma variabilidade na forma como os desejos e prazeres são compartilhados entre os sujeitos.

Com base nesses achados, abre-se uma frente de investigação de como as possíveis conexões entre “malhar” e “desejar o outro” em distintos contextos socioeconômicos e culturais dialogam com as novas e diferentes tecnologias de informação/comunicação que atravessam a chamada “cultura *fitness*” (Andreasson; Johansson, 2014; Rodríguez, 2022). Questiona-se até que ponto a fabricação de corpos na musculação, que regula certas identidades sexuais e de gênero (Baril, 2017), também se relaciona com a produção ou consumo de informações e imagens de corpos que circulam na *internet* atualmente (Oliveira Júnior, 2017). Nesse caso, entende-se que a exibição digital de postagens de corpos (performáticos?) nas academias também educa ou reverbera no modo como os sujeitos se relacionam ou se atraem nesses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível analisar até que ponto o setor da musculação pode ser considerado um espaço generificado e sexualizado. Os aspectos territoriais relativamente demarcados por gêneros parecem vir à tona de forma binária e sexista em ambas as academias. No entanto, enquanto na academia P, as relações de gêneros se estabeleciam de forma mais visível entre os(as) frequentadores(as), na academia G, tais divisões ocorriam sutilmente durante o cotidiano. Isso também podia ser visto na dimensão do desejo daquelas pessoas que circulavam em ambas as academias.

Tais achados permitem afirmar que a musculação pode se constituir de um ambiente simbólico que reproduz lógicas de estereótipos corporais e normas de gênero/sexualidade. Entretanto, nota-se a necessidade de singularizar as maneiras de como determinados sujeitos marcados por determinada camada social interagem entre si. Isso impacta não somente na forma como as pessoas se engajam nas práticas corporais, como também faz (re)pensar na atuação ou responsabilidade de quem coordena, supervisiona ou orienta nos espaços de musculação.

Embora o presente trabalho tenha se ordenado de forma polarizada entre homens e mulheres ou entre a academia P e G, argumenta-se que tais reflexões podem relacionar-se a outras identidades e estabelecimentos que estão presentes em distintos contextos socioculturais, sobretudo nos últimos anos. Como sugestão para futuras investigações, demarca-se a relevância de analisar a experiência ou a vivência dos demais atores sociais que transitam pelas academias, ou ainda, com base em Gonçalves (2020), estimular a produção de conhecimento sobre esse tema com base no aprofundamento de outros marcadores sociais da diferença, considerando a dimensão *online* ou “plataformizada” do chamado “mundo *fitness*”.

FINANCIAMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Alan Camargo Silva - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Jaqueline Ferreira – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

- ANDREASSON, Jesper; JOHANSSON, Thomas. The fitness revolution: historical transformations in the global gym and fitness culture. *Sport Science Review*, Champaign, v. 23, n. 3-4, p. 91-112, 2014. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:742709/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- BARIL, Alexandre. Des corps et des hommes trans-formés. La musculation comme "technologie de genre". *Recherches Sociologique set Anthropologiques*, Louvain, v. 48, N. 1, p. 65-85, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rsa/1816>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- BERTEVELLO, Gilberto. Academias de ginástica e condicionamento físico: sindicatos & associações. In: DaCOSTA, Lamartine. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 65-66.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral, vol1: lutas de classificação: Curso no Collège de France (1981-1982)*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral, vol. 2: habitus e campo: Curso no Collège de France (1982-1983)*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- BRAUNER, Vera Lúcia Pereira. Gênero, sexualidade e formação de professores: quo vadis? *Conexões*, Campinas, v. 16, n. 2, p. 125-134, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653001/18350>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- CONNEL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt#>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- DEVIDE, Fabiano; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERREIRA, Renato Callado; CHAIR, Emerson Saint; NERY, Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/vdH5QcysDZcqrTk4hNZsqYJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- FRAZÃO, Deimersom Pereira; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 149-158, 2015. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/Dr4WQBfhh5GDzpCvvTLVv6z/#>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FRAZÃO, Deimersom Pereira; FRANCO, Neil; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Freqüentadoras de academias de ginástica para mulheres e tradição familiar: subordinação ou emancipação? *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 30, e173003, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/66dnX7Y8pQWJdxH7JmsYwTm/?lang=pt#>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GARCIA, Rafael Marques. Consumo de drogas em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro: uma microrrealidade de homens gays. In: SILVA, Alan Camargo. *Corpo e práticas corporais em academias de ginástica*. Curitiba: Bagai, 2022. p. 151-162.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Corpo, práticas corporais e relações de gênero na Educação Física brasileira: uma pesquisa bibliográfica. *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados, v. 7, n. 14, p. 153-179, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/10047/5507>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*, Niterói, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPwMhS/?lang=pt#>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Gender advertisements*. New York: Harper & Row, 1979. Disponível em: http://www.publiccollectors.org/Goffman_Gender.pdf.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. The arrangements between the sexes. *Theory and Society*, California, v. 4, n. 3, p. 301-331, 1977. Disponível em: <http://www.csun.edu/~snk1966/Goffman%20The%20Arrangement%20between%20the%20sexes.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GONÇALVES, Ítalo Vinicius. Da etnografia multissituada à "plataformizada": aproximações entre antropologia e estudos de plataforma. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 9, n. 2, e175274, 2020.

JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de Educação Física. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 1-26, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19899/10637>. Acesso em: 30 mar. 2023.

KERCHER, Vanessa; KERCHER, Kyle; BENNION, Trevor; LEVY, Paul; ALEXANDER, Chris; AMARAL, Paulo Costa; LI, Yong-Ming; HAN, Jia; LIU, Yang; WANG, Ran; HUANG, Hai-Yan; GAO, Bing-Hong; BATRAKOULIS, Alexios; CHÁVEZ, Lino Francisco Jacobo Gómez; HARO, Jorge López; ZAVALZA, Adrián Ricardo Pelayo; RODRÍGUEZ, Luis Eduardo Aguirre; VEIGA, Oscar; VALCARCE-TORRENTE, Manel; ROMERO-CABALLERO, Alejandro. Fitness trends from around the globe. *ACSM's Health & Fitness Journal*, Hagerstown, v. 26, n. 1, p. 21-37, 2022. Disponível em: https://journals.lww.com/acsm-healthfitness/fulltext/2021/01000/fitness_trends_from_around_the_globe.7.aspx. Acesso em: 30 mar. 2023.

LEITE, Marcelo Alencar; MEDEIROS, Normandia; IWAMOTO, Thiago; DEVIDE, Fabiano; FILGUEIRA, Dulce. A temática gênero na licenciatura em Educação Física: discussões acerca da formação inicial. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-18, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/84292/51103>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LESSA, Patricia; FURLAN, Cassia Cristina; CAPELARI, Julia Bellini. Pedagogia do corpo e construção do gênero na prática de musculação em academias. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 23, n. 37, p. 41-50, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p41/21754>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Bourdieu e Goffman: um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 389-407, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a09.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MAGUIRE, Jennifer Smith. *Fit for consumption: sociology and the business of fitness*. London: Routledge, 2007.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-137.

MARKULA, Pirkko. "Tuningintoone's self": Foucault's Technologies of the self and mindful fitness. *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v. 21, n. 3, p. 302-321, 2004.

OLIVEIRA, Myllena Camargo de; JAEGER, Angelita Alice. Equidade de gênero na formação docente em Educação Física. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 37, n. 118, e12725, 2022. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/12725>. Acesso em: 30 mar. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Edyr Batista de. "Cada um sabe do seu próprio corpo": masculinidades, projetos corporais e treinos. 2017. 246 f. Tese (Doutorado em Antropologia)– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 125-150.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. As setorizações de gênero em um espaço de musculação do subúrbio do Rio de Janeiro. In: SILVA, Alan Camargo. *Corpo e práticas corporais em academias de ginástica*. Curitiba: Bagai, 2022. p. 123-132.

PINHEIRO, Maria Rosângela Dias; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Assédio sexual em mulheres praticantes de musculação: impactos no seu cotidiano. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 25, e200819, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Sbjy6xw3BkXJRdVsfrxCK4K/?lang=pt#>. Acesso em: 30 mar. 2023.

PINHEIRO, Maria Rosângela Dias; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Mulheres praticantes de musculação e assédio sexual: uma análise das narrativas. *Pensar a Prática*, Goiânia,

v. 25, e68019, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/68019/38374>. Acesso em: 30 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, Francisco Javier Cortazar. Sobrevivindo a la pandemia. Estratégias de gimnasios frente alôs efectos del Covid-19. In: SILVA, Alan Camargo. *Corpo e práticas corporais em academias de ginástica*. Curitiba: Bagai, 2022. p. 201-216.

SANTOS, Sandra Ferreira dos; SALLES, Adilson Dias. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 87-102, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16713/18426>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SANTOS, Victor Cesar Belloni dos; PRADO, Vagner Matias do; FRANCISCO, Marcos Vinicius. "Tá monstrão"! A construção da masculinidade em uma academia de musculação. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 34-53, 2021. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3185.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 193-217.

SILVA, Alan Camargo. *Corpo e práticas corporais em academias de ginástica*. Curitiba: Bagai, 2022. p. 5-8.

SILVA, Alan Camargo. Uma etnografia encarnada: imagens e identidades corporais de um pesquisador em uma academia de ginástica. In: FERREIRA, Jaqueline; BRANDÃO, Elaine Reis. *Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 183-207.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Homens no "limite" das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 89-98, 2016.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Marombeiros e marombeiras em duas academias de ginástica cariocas: dores e usos do corpo sob a ótica das intersecções de gênero e de classe social. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 13, n. 31, p. 1-26, 2018.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 160-173, 2019.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Evolução das academias de ginástica no Brasil e sua relação com a saúde. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 24, n. 262, 2020a. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1897/1162>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. "Homens bombados e embalados": masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 25, n. 267, 2020b. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/download/2099/1266?inline=1>. Acesso em: 17 jan. 2023.

VOTRE, Sebastião Josué; VIGNE, Joana Angélica; LACERDA, Yara. Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 53-69, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2550/4513>. Acesso em: 30 mar. 2023.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 24-59.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Recebido em: 18 abr. 2023

Aprovado em: 24 jul. 2023

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista *Conexões* é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

